

O que se pode esperar neste final do Governo Sarney?

L. G. NASCIMENTO SILVA

Terminou o recesso parlamentar. Será que agora o Congresso Nacional se reunirá para votar as 271 leis complementares à Constituição que aguardam regulamentação? Seria importante que o fizesse completando o quadro da nova organização nacional.

Não parece, entretanto, provável que o venha a fazer. É que estamos vivendo um ano eleitoral. De agora em diante voltam-se as atenções prioritárias dos parlamentares e políticos para o debate sobre a sucessão presidencial.

Mas, não é somente com o terreno legislativo e político que se deveriam preocupar as autoridades públicas, e sim também com o desenvolvimento econômico do País, que ameaça entrar em colapso.

Efetivamente, com a inflação galopante, com a recusa do Governo em enxugar a excessiva máquina estatal, privatizando empresas estatais, reduzindo o número dos funcionários públicos desnecessários ao serviço, o Brasil caminha a passos rápidos para uma perigosa estagnação. Não se fazem investimentos novos; tampouco cuida-se de completar aqueles que estão já ini-

ciados, não obstante sejam de natureza urgente.

Diminuem drasticamente os investimentos governamentais em setores essenciais que estão a seu cargo, como sejam na exploração do petróleo, na energia, nos portos, nos transportes em geral, no minério, nas comunicações. E isso significa certamente uma redução considerável nesses serviços, que são fundamentais ao progresso do País.

Também na área social é visível a diminuição dos recursos a ela atribuídos. Estamos, assim, fechando os horizontes das novas gerações de brasileiros que necessitariam receber ensino, atenções e cuidados nos setores da educação, da saúde, de seu aperfeiçoamento para as novas posições que deveriam, eles, assumir no seu futuro nas áreas de desenvolvimento do País. Que é que se pode esperar desse fechamento do gargalo do progresso para toda uma geração de brasileiros que deveriam esperar, ao contrário, um decisivo apoio à sua tomada de posições no processo de crescimento da Nação?

Que fazer? Só nos resta esperar que Governo e Congresso abram os olhos para essa pro-

gressiva estagnação do País, e, juntos, empreendam uma resoluta ação de reorganização da vida nacional.

Veja-se, por exemplo, o que agora busca fazer o novo Governo argentino. Deu uma guinada de 180 graus: declarou privatizáveis todas as empresas estatais, com a única ressalva de que essa privatização não comprometa a segurança nacional. Mais do que o Brasil, a Argentina criou uma extensa rede de companhias do Estado de todos os matizes, desde a telefonia e a estatal Aerovias Argentinas, até empresas vinícolas, de cerâmica, têxteis e outras. Agora tenta-se privatizá-las, mas certamente esse será um processo lento e complexo, já pela inexistência de tantos grupos econômicos capazes de absorver esses empreendimentos que são vultosos e a maior parte deles deficitária, já pelas naturais dificuldades que ora enfrenta o país. O processo de privatização será lento, mas certamente ele deverá ser realizado. No momento a Argentina está aberta aos dólares, aceitando depósitos à vista ou a prazo fixo na moeda americana. O Banco Central do país estima em 95% a poupança dos argentinos

que está em dólar-papel! Isso sem contar com os depósitos no exterior que somam mais de US\$ 40 milhões!

O Brasil felizmente não está nessa situação. Mas não há dúvida de que precisaria também adotar uma austera política de controle à inflação, com redução do número de funcionários públicos, de estabilização dos vencimentos destes, como dos demais ocupantes de cargos governamentais e parlamentares, não só da União Federal, como de Estados e Municípios, para voltar a ter um equilíbrio orçamentário. Esse é um processo penoso e lento, mas é o único que nos permitirá irmos saindo da crise que tanto nos atormenta.

Por enquanto o que nos preocupa já não é tanto o tamanho de nossa dívida externa, mas o tamanho de nosso déficit público, que ameaça suplantar o montante de nossa dívida externa. Tudo isso conduz a uma nova preocupação: será mesmo possível segurar o índice da inflação em cerca de 30% mensais? Essa é a dúvida de todos, patrões como empregados, que sentem o valor da moeda esfarinhar-se a cada dia. Veja-se a que ponto chegamos!